

JORNAL: Correio da Manhã
DATA: 14-03-58
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: **SERPA VIAJARÁ**, EXPONDO ANTES NA GEA
(Itinerário das Artes Plásticas)
AUTOR: Jayme Mauricio

SERPA VIAJARÁ, EXPONDO ANTES NA GEA

O pintor **Ivan Serpa**, sem dúvida alguma, dos mais vigorosos talentos jovens da pintura de vanguarda no Brasil, ganhou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro em 1957, juntamente com o gravador Darel Valença. Este já está de malas prontas, devendo em barcar sábado, enquanto que **Serpa**, com aquele jeito manso continua sua vida normal, pintando, criando e conversando; convida para a inauguração de uma exposição individual na Galeria GEA, sábado próximo, às 21 horas; e, mais, retoma a direção dos cursos de pintura de crianças no Museu de Arte Moderna do Rio. Encontrando o artista no cruzamento da A.B.I., tratamos de saber exatamente o que havia de certo nos seus planos para 1958.

- Como é: vai ou não viajar?

- Vou, claro. A viagem está dependendo apenas do JK...

- ?!...

- Sou funcionário da Biblioteca Nacional e não vou deixar o cargo assim sem mais nem menos. Ele precisa me dar licença especial.

- Qual o itinerário?

- Paris. Primeiro, porque tenho por lá uma tia. É bom para quem chega e tem de se habituar. Em Paris resolverei o resto. Não gosto de fazer nada com antecipação. Isso de programar é muito chato e quase nunca dá certo. Farei o que desejar na hora.

- E porque essa exposição assim em cima da hora?
Despedida?

- Não. O Sérgio de Camargo, dono da galeria, pediu muito para fazer a mostra. Como tinha trabalhos disponíveis, aceitei. Havia tempo. Aconteceu, entretanto, que recentemente uma colecionadora americana foi ao meu "atelier" e comprou nada menos de dez telas... Fiquei hesitante, depois, em realizar a exposição. Dada a insistência, porém, e a remessa dos convites, concordei em realizá-la, ainda que me socorrendo de trabalhos bem mais antigos.

E **Serpa** acrescenta:

- Tinha intenção de não fazer nenhuma exposição no Rio durante muito tempo. Tenho concorrido em todas as mostras e cada vez mais a pintura vai se tornando para mim uma coisa muito séria que não permite essa constância pelas galerias e salões. Não se pode estar assim numa espécie de "produção em massa". O trabalho excessivo, a experiência afoita, revela várias fragilidades, inclusive a falta de base, de consciência experimental e estética. O cartaz, meu velho, prejudica mais do que se supõe. Se a gente perde a visão das coisas, está perdido: desanda a pintar quase um quadro por dia, para exhibir aos amigos, para vender, etc. iniciando um inevitável processo de autadestruição artística, de banalização.

- E o que você aconselha para evitar isso?

- Que cada um proceda à uma constante autoanálise, se aprofunde em si mesmo e não dê muita importância a terceiros. Que se dê conta de que arte resulta de processo longo que dura to da uma vida, num aprendizado constante, numa busca que somente o próprio artista pode empreender e com seus próprios meios, com seu próprio sofrimento e alegria, com a sua própria visão e compreensão dos problemas da pintura.

- Você antes era o mais atuante e participante dos grupos de vanguarda. Tenho notado o seu afastamento, o seu quase isolamento. O que é que está acontecendo?

- Continuo a gostar de todos os meus colegas, mesmo daqueles cujos trabalhos não aprecio muito. Mas tenho procurado, isso sim, os que têm mais consciência, os que são mais sinceros e sérios. O que você notou foi a minha ausência das polêmicas e dos grupos de discussões, das rodas de horas vagas. O desenvolvimento do meu trabalho, com responsabilidades de todos os tipos cada vez maiores, levaram-me a uma vida um tanto afastada. Tenho trabalhado cerca de 12 a 14 horas por dia.

- Mas voltando à sua viagem, acha que JK — que em última instância foi que lhe deu o Prêmio de Viagem — irá criar dificuldades?

- Espero que não. Não posso responder pelo chefe do governo. Existem precedentes... Se obtiver logo a licença, embarcarei daqui a uns três meses, dependendo dos meus compromissos. Por exemplo, retomei o meu curso de crianças no Museu de Arte Moderna

do Rio e espero dar-lhe continuidade e preparar o meu substituto, etc.

- Alguma novidade na exposição da Gea?

- Serão expostas duas fotografias de um trabalho de colage recente que fiz com alfabetos diversos. Devido às diferenças de letras dos mesmos e certos problemas de composição e ritmo, a colage não era perfeitamente perceptível. Tivemos então idéia de fotografá-la, com a qualidade da fotografia de José Oiticica, expondo o negativo e positivo da mesma. Resultou algo de interesse. Além disso tenho um trabalho em têmpera primeira vez que tento essa técnica, colagens diversas e alguns óleos, sendo que o último, o mais recente é uma experiência de mistura de óleo e têmpera, integralizados totalmente antes da pintura.

NOTA: **quadro de Ivan Serpa** (foto)

Texto: Um trabalho ligeiro de **Serpa** para um pequeno muro na Caixa Econômica do Edifício Marquês do Herval, ao lado da Agência do "Correio da Manhã".

JORNAL: Correio da Manhã
DATA: 14-03-58
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: SERPA VIAJARÁ, EXPONDO ANTES NA GEA
(Itinerário das Artes Plásticas)
AUTOR: Jayme Mauricio

SERPA VIAJARÁ, EXPONDO ANTES NA GEA

O pintor **Ivan Serpa**, sem dúvida alguma, dos mais vigorosos talentos jovens da pintura de vanguarda no Brasil, ganhou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro em 1957, juntamente com o gravador Darel Valença. Este já está de malas prontas, devendo embarcar sábado, enquanto que Serpa, com aquele jeito, manso continua sua vida normal, pintando, criando e conversando; convida para a inauguração de uma exposição individual na Galeria GEA, sábado próximo, às 21 horas; e, mais, retoma a direção dos cursos de pintura de crianças no Museu de Arte Moderna do Rio. Encontrando o artista no cruzamento da A.B.L., tratamos de saber exatamente o que havia de certo nos seus planos para 1958.

- Como é: vai ou não viajar?

- Vou, claro. A viagem está dependendo apenas do

JK...

- ?!...

- Sou funcionário da Biblioteca Nacional e não vou deixar o cargo assim sem mais nem menos. Ele precisa me dar licença especial.

- Qual o itinerário?

- Paris. Primeiro, porque tenho por lá uma tia. É bom para quem chega e tem de se habituar. Em Paris resolverei o resto. Não gosto de fazer nada com antecipação. Isso de programar é muito chato e quase nunca dá certo. Farei o que desejar na hora.

- E porque essa exposição assim em cima da hora?
Despedida?

- Não. O Sérgio de Camargo, dono da galeria, pediu muito para fazer a mostra. Como tinha trabalhos disponíveis, aceitei. Havia tempo. Aconteceu, entretanto, que recentemente uma colecionadora americana foi ao meu "atelier" e comprou nada menos de dez telas... Fiquei hesitante, depois, em realizar a exposição. Dada a insistência, porém, e a remessa dos convites, concordei em realizá-la, ainda que me socorrendo de trabalhos bem mais antigos.

E Serpa acrescenta:

- Tinha intenção de não fazer nenhuma exposição no Rio durante muito tempo. Tenho concorrido em todas as mostras e cada vez mais a pintura vai se tornando para mim uma coisa muito séria que não permite essa constância pelas galerias e salões. Não se pode estar assim numa espécie de "produção em massa". O trabalho excessivo, a experiência afoita, revela várias fragilidades, inclusive a falta de base, de consciência experimental e estética. O cartaz, meu velho, prejudica mais do que se supõe. Se a gente perde a visão das coisas, está perdido: desanda a pintar quase um quadro por dia, para exhibir aos amigos, para vender, etc. iniciando um inevitável processo de autadestruição artística, de banalização.

- E o que você aconselha para evitar isso?

- Que cada um proceda a uma constante autoanálise, se aprofunde em si mesmo e não dê muita importância a terceiros. Que se dê conta de que arte resulta de processo longo que dura toda uma vida, num aprendizado constante, numa busca que somente o próprio artista pode empreender e com seus próprios meios, com seu próprio sofrimento e alegria, com a sua própria visão e compreensão dos problemas da pintura.

- Você antes era o mais atuante e participante dos grupos de vanguarda. Tenho notado o seu afastamento, o seu quase isolamento. O que é que está acontecendo?

- Continuo a gostar de todos os meus colegas, mesmo daqueles cujos trabalhos não aprecio muito. Mas tenho procurado, isso sim, os que têm mais consciência, os que são mais sinceros e sérios. O que você notou foi a minha ausência das polêmicas e dos grupos de discussões, das rodas de horas vagas. O desenvolvimento do meu trabalho, com responsabilidades de todos os tipos cada vez maiores, levaram-me a uma vida um tanto afastada. Tenho trabalhado cerca de 12 a 14 horas por dia.

- Mas voltando à sua viagem, acha que JK — que em última instância foi que lhe deu o Prêmio de Viagem — irá criar dificuldades?

- Espero que não. Não posso responder pelo chefe do governo. Existem precedentes... Se obtiver logo a licença, embarcarei daqui a uns três meses, dependendo dos meus compromissos. Por exemplo, retomei o meu curso de crianças no Museu de Arte Moderna

do Rio e espero dar-lhe continuidade e preparar o meu substituto, etc.

- Alguma novidade na exposição da Gea?

- Serão expostas duas fotografias de um trabalho de colage recente que fiz com alfabetos diversos. Devido às diferenças de letras dos mesmos e certos problemas de composição e ritmo, a colage não era perfeitamente perceptível. Tivemos então idéia de fotografá-la, com a qualidade da fotografia de José Oiticica, expondo o negativo e positivo da mesma. Resultou algo de interesse. Além disso tenho um trabalho em têmpera primeira vez que tento essa técnica, colagens diversas e alguns ~~óleos~~ óleos, sendo que o último, o mais recente é uma experiência de mistura de óleo e têmpera, integralizados totalmente antes da pintura.

NOTA: quadro de Ivan Serpa (foto)

Texto: Um trabalho ligeiro de Serpa para um pequeno muro na Caixa Econômica do Edifício Marquês do Herval, ao lado da Agência do "Correio da Manhã".